

Resistência Cultural E Patriarcado Em “No Speak English”: Uma Análise Pós-Colonial Da Luta Por Identidade

Luiz Eduardo Guedes¹, Tamara Afonso Dos Santos², Sonaira De Araújo Moura³

¹(Professor Doutor Do Instituto Federal Do Acre, Brasil)

²(Professora Mestra Da Universidade Federal De Rondônia, Brasil)

³(Doutoranda Da Universidade Do Minho, Portugal)

Resumo:

O artigo aborda a obra *No Speak English* de Sandra Cisneros, analisando a narrativa sob a perspectiva pós-colonial, com foco na relação entre Mamacita e seu marido, em um contexto de imigração e dominação patriarcal. O background pós-colonial explora como a narrativa apresenta questões de identidade, língua, e opressão feminina em uma sociedade dominada por valores patriarcais e coloniais. O estudo examina as dinâmicas de poder entre Mamacita e seu marido, destacando como ela se recusa a aprender a língua inglesa e a se integrar à nova sociedade, em contraste com o desejo de seu marido de adaptação. A análise se baseia em uma abordagem qualitativa de leitura crítica da obra de Cisneros, considerando teorias pós-coloniais e feministas. Elementos textuais e discursivos são examinados para identificar como Mamacita é apresentada em termos de gênero e colonialismo. O artigo conclui que Mamacita resiste ativamente aos valores coloniais e patriarcais impostos pelo marido e pela sociedade ao seu redor, mantendo sua língua e cultura como formas de resistência passiva. Além disso, a análise revela como a obra reflete questões maiores relacionadas ao impacto do colonialismo nas identidades femininas, especialmente em contextos migratórios. A narrativa de *No Speak English* exemplifica a luta das mulheres imigrantes em sociedades patriarcais e coloniais, mostrando como a língua e o lar se tornam campos de batalha simbólicos na busca por identidade e pertencimento. A resistência de Mamacita destaca a tensão entre a adaptação e a preservação cultural, temas centrais na literatura pós-colonial.

Palavras-chave: Sandra Cisneros; *No Speak English*; Pós-colonialismo; Literatura; Resistência.

Date of Submission: 09-09-2024

Date of Acceptance: 19-09-2024

I. Introdução

Pós-colonialismo ou estudos pós-coloniais é uma disciplina acadêmica, cuja perspectiva possibilita analisar, explicar e entender o legado cultural deixado pelo colonialismo e imperialismo. O colonialismo, como conceito, tinha uma perspectiva econômica, mas essa não era a única dimensão que dele podia ser extraída, já que diferentes consequências humanas também surgiram do colonialismo. Havia questões relacionadas ao controle, e na exploração econômica emergiram temas como as escolas de pensamento feminista sobre as sociedades patriarcais, ideais ocidentais e outros ideais modernos, entre outros. A política do conhecimento, a criação, controle e distribuição desse conhecimento, bem como as relações funcionais desses elementos, encontram lugar nos estudos pós-coloniais. A sustentação do conceito colonial, o neocolonialismo, o impacto do colonizador sobre o colonizado (como as diferenciações de poder e as marginalizações) podem, portanto, ser discutidos como parte dos estudos pós-coloniais. As sociedades patriarcais e os estudos feministas frequentemente ocupam um lugar forte nas discussões pós-coloniais.

"No Speak English", de Sandra Cisneros, é uma obra sucinta em sua apresentação dos efeitos de uma sociedade patriarcal, altamente dominada por homens, onde os sentimentos das mulheres são mal representados e, muitas vezes, não aceitos. As mulheres em sociedades patriarcais eram consideradas extremamente inferiores, e esse sentimento de inferioridade às vezes levava a choques na compreensão. Os estudos pós-coloniais indicam que as formas de melhoria disponíveis para as mulheres eram mínimas, dada a existência da necessidade de melhorias econômicas em tais situações. O ensaio argumenta que Mamacita, de "No Speak English", é vítima de uma dessas situações. O ensaio tenta analisar trechos da obra para mostrar como Mamacita se torna inferior, em parte, por não fazer esforços para se adaptar. A obra é discutida a partir de diferentes perspectivas dos estudos pós-coloniais, incluindo os temas patriarcais e feministas.

II. Desenvolvimento

No Speak English

"No Speak English" é apenas um trecho de *A Casa na Rua Mango*. A própria escrita reflete as cenas da rua apresentadas por Esperanza, uma adolescente. Ela narra as histórias em primeira pessoa, e "No Speak English" segue o mesmo estilo. A visão da garota sobre Mamacita, o que ela achava que os outros pensavam sobre ela e o que ela própria acreditava, mostra o pensamento de uma mente não corrompida, ou pelo menos uma que vê os dois lados, e não apenas o ângulo preconceituoso e tendencioso que os adultos tendem a adotar mais tarde.

Nesta narrativa, a menina é vista falando sobre Mamacita, que mora do outro lado da rua. Ela menciona que o homem trabalhou em dois empregos e, com o dinheiro que economizou, conseguiu trazê-la para onde ele estava naquele país. Mamacita chegou com um menino e Esperanza descreve a situação de como Mamacita saiu do táxi com uma imagem bastante vívida. Mamacita é apresentada como alguém que fala pouco ou nada de inglês. Ela apenas dizia "No Speak English", "He is not here" ou "Holy Smokes". Enquanto Esperanza não se surpreendeu com as duas primeiras frases, ficou surpresa que Mamacita soubesse dizer "Holy Smokes".

Enquanto muitos acreditavam que Mamacita não subia e descia as escadas por razões físicas, Esperanza sabia que não era esse o motivo; ela sabia que Mamacita não interagiu muito com os outros por causa da barreira linguística. Esperanza acredita que Mamacita não gosta de estar ali, mesmo que seu marido tenha pintado a casa da cor da que eles vieram. Mamacita parece ser mal compreendida pelo marido e também é vista alertando seu filho para que ele não cante na língua que ainda era estranha para eles.

Pós-colonialismo em "No Speak English"

Nos estudos pós-coloniais, a voz da razão ou a voz do narrador desempenha um papel importante ao transmitir diferentes perspectivas, como questões sociais patriarcais influenciadas pelo colonialismo e outros aspectos. No caso de "No Speak English", Esperanza, que é a narradora dos infortúnios de Mamacita, é uma Chicana. Alguns dos termos usados para representar mexicano-americanos costumam ser, até certo ponto, pejorativos e indicam seu status de minoria, como o termo "Pocho". Esperanza parece estar ciente desses termos e, como voz narradora, traz à tona o contexto social no qual os acontecimentos na Rua Mango são registrados. É a forma de discurso ou a linguagem do falante que determina se o grupo em discussão é considerado maioria ou minoria.

Nos discursos Chicanos, normalmente, as pessoas são frequentemente referidas com base em sua forma física, mais do que em qualquer capacidade que possam ter. Isso é especialmente evidente no caso de crenças de gênero, onde os homens são mais frequentemente associados a capacidades, poder e força, enquanto as mulheres são mais associadas à beleza e outros elementos. No caso de "No Speak English", Mamacita é chamada de "a grande mama do homem do outro lado da rua". Esperanza afirma que alguns acreditam que ela deveria ser chamada de "Mamasota", devido ao seu tamanho. Mesmo Esperanza, ao descrever Mamacita, parece dar mais importância à discussão sobre como ela se parecia, a que vestia, a cor de seus vestidos, e assim por diante. A narradora relata que, quando Mamacita chegou à sua rua em um táxi,

Do táxi saiu um pequeno sapato rosa, um pé macio como a orelha de um coelho, depois o espesso xale, um balanço de quadris, rosas fúcsia e perfume verde. O homem teve que puxá-la, o motorista do táxi teve que empurrar. Empurra, puxa. Empurra, puxa. Puf! De repente, ela floresceu. Grande, enorme, linda de se olhar, da pena rosa-salmão na ponta do seu chapéu até os pequenos botões de rosa em seus dedos dos pés" (Cisneros, 1991, p. 69, tradução nossa).

Grande parte da conversa sobre Mamacita parece estar focada no fato de que ela é gorda e bonita. A narradora a chama de enorme e bonita, desafiando de certa forma a norma de que mulheres gordas não poderiam ser bonitas. No entanto, ao dedicar tanto tempo discutindo seu peso — desde como Mamacita foi ridicularizada por Rachel, até como ela precisou ser empurrada para sair do táxi e como as pessoas acreditavam que ela não conseguia descer as escadas por causa do peso —, a própria narradora acaba por denegrir Mamacita, reduzindo sua condição a um estado de minoria. Padrões de influência podem existir nos narradores devido à absorção de influências colonialistas. Essa influência também é vista aqui na forma como Mamacita é descrita. Embora a descrição seja interessante para o público contemporâneo, há elementos que desapontariam leitores feministas.

O número de falantes de uma língua em determinado lugar geralmente é usado como critério para determinar quem é a minoria e quem é a maioria. No entanto, essa não é a única forma de se determinar isso (Lazarus, 2004). O status e a função da língua também podem ser úteis para identificar minoria e maioria em uma situação. No caso de um local onde predomina o inglês, a maioria dos falantes de inglês, por sua própria condição, torna a voz do narrador e a dos sujeitos narrados, como Mamacita e seu marido, pertencentes a uma minoria. Um argumento contrário, apresentado em muitos estudos coloniais, é que o status da pessoa que usa a língua pode colocá-la na posição de maioria, seja por seu status social ou pelo uso mais frequente em comparação com outros (Lazarus, 2004).

Agora, em um país como os Estados Unidos, onde supostamente a narrativa ocorre, a oportunidade de usar a língua própria é muito limitada. A restrição no uso de sua própria língua causa uma diminuição em seu poder de influência e na esfera funcional (Abramowitz, 1996). A menos que o grupo minoritário tenha a oportunidade de aprender a nova língua e enfrentar os desafios linguísticos, ele se torna recessivo. No caso de Mamacita e seu marido, a língua, por não ser amplamente utilizada em um país de fala inglesa, automaticamente os coloca como minoria. Mamacita e seu marido não conseguem elevar o status de sua língua, pois eles mesmos necessitam dessa ascensão. Eles pertencem à classe trabalhadora, e o marido de Mamacita precisou de dois empregos apenas para trazer Mamacita e seu filho para o país. Mamacita, por sua vez, não trabalha, como é comum em sociedades patriarcais, e isso coloca em perspectiva as visões pós-coloniais sobre a questão da maioria e da minoria.

A influência patriarcal se combina com o medo de Mamacita de perder sua identidade, seu lar, entre outros aspectos. Mamacita, conforme apresentada pela narradora, não parece interagir com outras pessoas; ela raramente sai de seu apartamento. Algumas pessoas acreditam que isso se deve ao fato de Mamacita ser gorda. A narradora, no entanto, acredita que é porque Mamacita não sabe inglês. A influência patriarcal sobre Mamacita, onde seu marido é o provedor e, portanto, o único a interagir com a sociedade, poderia ser uma das razões pelas quais Mamacita não sente necessidade de sair de seu apartamento.

Grande parte do discurso pós-colonial sobre sociedades patriarcais aborda como as mulheres são tratadas como inferiores aos homens (Lazarus, 2004). O lugar da mulher costumava ser o lar, e as mulheres eram geralmente vistas apenas como donas de casa (Davies, 1994). Era o homem quem saía para ganhar o sustento da família. Esse é o caso de Mamacita: ela teme por sua identidade, embora já não tenha uma, pois é seu marido quem interage com todos e sustenta a casa. Ela não sente a necessidade de aprender sobre a nova sociedade em que vive e, ao contrário de pessoas que precisam sustentar a si mesmas, também não parece se esforçar para aprender a língua.

A influência patriarcal e os medos coloniais que cercam uma sociedade de fala inglesa ainda estão arraigados em Mamacita. A casa em que vivem é pintada na cor de sua casa original, mas isso não parece ser suficiente para agradar Mamacita.

Casa. Casa. A casa é uma fotografia, uma casa rosa, rosa como malvas-rosa com muita luz inesperada. O homem pinta as paredes do apartamento de rosa, mas não é a mesma coisa, sabe? Ela ainda suspira por sua casa rosa, e então eu acho que ela chora (Cisneros, 1991, p. 69, tradução nossa).

Nos olhos de Mamacita, a pintura rosa não faz com que ela se sinta em casa. Ela acredita estar presa em um mundo no qual precisa pertencer, ou melhor, é forçada a pertencer devido à autoridade submissa de seu marido. Mesmo a cor da pintura desperta seus sentimentos nostálgicos pela casa que deixou para trás. Ela é submissa ao marido para ter uma família tradicional e um bom casamento, seguindo seus sonhos e deixando os seus próprios de lado. No entanto, ela sente falta de sua casa e chora às vezes por causa disso. Seu marido a repreende quando ela chora, e ela lamenta dizendo que sente falta de sua casa, ao que ele responde:

Ay Caray! Estamos em casa. Esta é a nossa casa. Eu estou aqui e aqui ficarei. Fale inglês. Fale inglês. Cristo! (Cisneros, 1991, p. 69, tradução nossa)

Seu marido quer que ela fale inglês e se adapte, argumentando que, como ele considera aquele lugar seu lar, Mamacita também deve aceitá-lo. Isso é típico das noções patriarcais, onde se espera que as mulheres acreditem que onde seus maridos estão é onde elas também devem estar. No caso do marido de Mamacita, ele espera que ela aceite o lar que ele escolheu e que aprenda o idioma por ele. É verdade que o marido a ama, tanto que trabalhou em dois empregos para economizar e trazê-la para casa, mas sua noção de lar é diferente da de Mamacita. Ele parece não estar ciente, ou, como é típico em sociedades patriarcais, simplesmente não se importa com o que ela pensa.

“Mamacita é a grande mama do homem do outro lado da rua, terceiro andar da frente”, como a narradora a apresenta. Ela é apenas Mamacita, a mulher grande e bonita que cuida de um bebê. Seus sentimentos sobre o lugar ou seu desejo de voltar para casa não são reconhecidos por ninguém. Mamacita não se mistura com os outros porque, segundo a narradora, não sabe inglês; outros acreditam que é porque ela é gorda, mas ninguém considera que talvez Mamacita não interaja simplesmente porque não quer.

Mamacita vem de uma sociedade patriarcal, e a narradora também a vê a partir dessa perspectiva ao afirmar que Mamacita tem medo da língua colonial. Mais do que medo, pode ser uma aversão que impede Mamacita de aprender a língua e de aceitar o lugar como lar, como seu marido já fez. Quando seu bebê começa a cantar o comercial da Pepsi, ela chora ainda mais, pedindo para ele "No Speak English", pois essa adaptação poderia ligá-la a uma terra que ela tanto rejeita. O fato de o filho ser um menino também toca em uma questão de gênero: segundo Mamacita, os homens de sua família se adaptam ao lugar que ela rejeita.

Existem diferentes perspectivas coloniais e diversas visões possíveis (Chatterjee, 1993). No caso de Mamacita, seu marido abraça os pontos de vista coloniais, vindo a América como uma terra de oportunidades. Ele trabalha em dois empregos, sai cedo e volta tarde, acreditando na cultura do trabalho e na necessidade de aceitar o idioma dominante para sobreviver. Ele quer que Mamacita faça o mesmo, acreditando que, se ela

falasse inglês, poderia entender melhor sua realidade. No entanto, Mamacita se recusa, presa em sua saudade de casa, ouvindo rádio em espanhol e cantando músicas nostálgicas. Seu marido se frustra, pois a nostalgia de Mamacita desafia as tendências patriarcais de sua cultura, criando um paradoxo: ele quer que Mamacita seja submissa, mas também espera que ela aceite a nova cultura.

Mamacita pode ser vista de duas maneiras. Conforme descrito anteriormente, ela expressa aversão à escolha feita por seu marido e, por ser impotente, manifesta essa aversão de forma passiva — chorando e discutindo com ele. Esta é uma leitura típica de Mamacita, destacada em muitos artigos de pesquisa sobre *No Speak English*. No entanto, há outra perspectiva a considerar. Em algumas culturas, assim como há sociedades patriarcais, também existem sociedades matriarcais, onde as mulheres são poderosas e têm mais sabedoria que os homens (Merriam & Mohamad, 2000). Em culturas orientais, como na Índia, as mulheres são frequentemente reverenciadas, sendo vistas como possuidoras de sabedoria superior e até adoradas como deusas (Takahashi & Bordia, 2000).

Aplicando essa perspectiva, durante a época da descoberta da América e do colonialismo subsequente, o país vivia muita instabilidade. Mamacita, sendo uma mulher sábia, poderia querer pertencer a um lugar que ela considera mais pacífico. Seu marido, por outro lado, está mais focado nos aspectos monetários, acreditando que isso é o mais importante para a vida. Mamacita, porém, busca mais do que estabilidade financeira, desejando um lugar estável e seguro. Isso poderia explicar por que ela não se mistura: pode ser simplesmente uma questão de desconfiança. Talvez ela não confie na terra, devido à instabilidade que sofreu desde sua descoberta e colonização.

III. Conclusão

“*No Speak English*” é um trecho de um livro que, mesmo sendo um excerto, contém muitos elementos que refletem pensamentos e teorias pós-colonialistas. Ele combina imagens vívidas, representações detalhadas e a voz da narradora, que apresenta ideias relacionadas ao pós-colonialismo, à sociedade patriarcal e à natureza rebelde de mulheres que são forçadas a se encaixar em situações nas quais não querem pertencer. Mamacita é submissa ao marido, mas ao mesmo tempo demonstra que não aceita os valores e a língua estrangeira, já que não quer aprender o idioma nem interagir com as pessoas do local. Dessa forma, o texto cria uma mistura de atitudes e percepções que enriquecem esse discurso.

Referências

- [1]. Abramovitz, M. (1996). *Regulating The Lives Of Women: Social Welfare Policy From Colonial Times To The Present*. South End Press.
- [2]. Chatterjee, P. (1993). *The Nation And Its Fragments: Colonial And Postcolonial Histories* (Vol. 11). Princeton University Press.
- [3]. Cisneros, S. (1984). *No Speak English*. In *The House On Mango Street*. A Division Of Random House Inc.
- [4]. Davies, C. B. (1994). *Black Women, Writing And Identity*. Routledge.
- [5]. Lazarus, N. (2004). *The Cambridge Companion To Postcolonial Literary Studies*. Cambridge University Press.
- [6]. Merriam, S. B., & Mohamad, M. (2000). How Cultural Values Shape Learning In Older Adulthood: The Case Of Malaysia. *Adult Education Quarterly*, 51(1), 45-63.
- [7]. Takahashi, M., & Bordia, P. (2000). The Concept Of Wisdom: A Cross-Cultural Comparison. *International Journal Of Psychology*, 35(1), 1-9.